

## FLAVIO JOSEFO E A GUERRA JUDAICA: PERSPECTIVAS DE ANÁLISE

Ivan Esperança ROCHA – UNESP/Assis

O conflito entre judeus e romanos, ocorrido na Palestina, entre 66 e 73 d.C., é narrado por uma testemunha ocular dos fatos, Flávio Josefo (37-100 d.C.) (FJ), um líder militar judeu que se metamorfoseia à medida que o jogo de forças pende favoravelmente aos romanos. Ele consegue benesses junto ao imperador romano Vespasiano e ao seu filho Tito e passa à oposição de seus compatriotas, produzindo sua obra *A Guerra Judaica*, privilegiando o ponto de vista romano. Esta postura lhe valeu severas críticas contemporâneas e posteriores que o apontaram como traidor e que chegaram, inclusive, a negar o valor histórico de sua obra, pela falta de isenção analítica.

Não se pode negar, no entanto, que o conjunto de sua obra<sup>1</sup> e, particularmente *A Guerra Judaica*, constitui, juntamente com os textos neotestamentários, uma das raras fontes sobre a multifacetada sociedade judaica do primeiro século, fornecendo detalhes preciosos sobre a vida cotidiana da Palestina de então, assim como sobre as relações entre Roma e uma de suas principais províncias, aquela sírio-palestina.

O interesse por Flávio Josefo, principalmente por *A Guerra Judaica*, sua primeira e mais famosa obra, foi garantido, sobretudo, pela Igreja por tratar-se praticamente do único documento contemporâneo ao início do cristianismo<sup>2</sup>, sendo citado, por exemplo, por Orígenes (184-254), Eusébio de Cesárea (265-340) e Jerônimo (342-420) e durante a Idade Média, chegou a ser o autor antigo mais lido além da Bíblia.

A importância da obra de JF ainda se faz sentir, como se pode depreender do *International English Josephus Project* que tem por objetivo realizar uma tradução moderna dos textos, baseada na edição crítica de Niese e levando em consideração novas contribuições históricas, arqueológicas e filológicas sobre a obra flaveana.

### **O valor histórico de *A Guerra Judaica***

Os críticos têm apontado no texto de *A Guerra Judaica* muitos dados a serem revistos, principalmente quando se trata de informações obtidas de fontes indiretas e no que se refere a dados estatísticos sobre a população da Palestina, e sobre o número de indivíduos envolvidos ou atingidos pelo conflito.

Um exemplo é o episódio do Monte Massada, o último reduto judaico na guerra contra os romanos, onde os sicários liderados por Eleazar ben Jair praticam um suicídio coletivo envolvendo, segundo FJ, 960 judeus: tem sido muito debatido pelos pesquisadores a partir das evidências arqueológicas. Dentre outras evidências, a disposição em que foram encontrados alguns esqueletos em Massada parece contradizer o suicídio coletivo relatado por FJ: Yadin encontra ali 27 esqueletos dos quais 25 numa gruta.

Um desses esqueletos estava numa posição característica de quem foi enterrado de maneira tradicional<sup>3</sup>. Dentre os materiais encontrados em Massada incluem-se linho, pelo de cabra, lã e algodão, o que coloca mais uma dúvida sobre a narração de FJ que diz que todos os pertences dos judeus de Massada foram queimados<sup>4</sup>.

Assim, a narração de FJ deveria ser entendida como uma combinação de fatos, ficção e conjecturas<sup>5</sup>. No caso de Massada, o que deve ter ocorrido foi o suicídio de certo número de sicários e este fato teria sido ampliado por FJ; alguns teriam lutado contra os romanos e outros tentado fugir, o que explicaria os 25 esqueletos encontrados numa caverna.

### **O conflito na ótica de Flávio Josefo**

A desigualdade de forças entre os exércitos romano e israelita pode ser considerada uma das razões que arrefece rapidamente o fervor patriótico de FJ. Ele não só evidencia a debilidade militar israelitas, mas envida todos os esforços para demover seus compatriotas de continuar na luta. Não é bem sucedido em seu intento e passa a um confronto aberto com as lideranças mais radicais e isto o leva a interpretar o evento menos como um conflito

entre judeus e romanos e mais como um confronto entre certos grupos judaicos – zelotas e sicários, e os romanos e os que os apoiavam internamente, o que leva FJ a denominá-lo quase que como uma guerra civil. Com isto, os generais romanos, passam a ser apresentados mais como salvadores que como opressores dos judeus<sup>6</sup> e os revoltosos se transformam em simples bandidos, ou “terroristas”.

Qualquer seja a avaliação que se faça da obra de FJ, não se pode deixar de considerá-la como uma importante fonte historiográfica sobre a Palestina do primeiro século, principalmente quando se defronta com a perda de outras fontes sobre a questão e que só são conhecidas por terem sido citadas em outros documentos posteriores.

### **O background do conflito**

A Palestina passa ao domínio romano por volta de 62 a.C., com a anexação da Síria por Pompeu<sup>7</sup>. Seguindo a prática de utilizar lideranças locais para governar os territórios dominados, os romanos nomeiam Herodes, um idumeu, rei da Judéia, que ficaria no trono entre 37 a.C. e 4 d.C.<sup>8</sup>. O período de seu governo é fortemente criticado internamente; até o próprio FJ diz que a Palestina, antes próspera, foi transformada por Herodes num país de miseráveis e de injustiças (GJ 2,86). A imposição de uma pesada e dupla carga tributária foi certamente um dos estopins do conflito, aliada a questões de cunho simbólico e religiosos, como a imposição do culto do imperador (2,169).

O movimento teve uma adesão maciça das camadas inferiores da zona rural, as mais afetadas pela situação imposta pelos romanos e seus aliados, como era comum acontecer em outros conflitos de Roma e suas províncias<sup>9</sup>.

Deve-se dizer que em fins da era de Augusto (aprox. 14) a verdadeira camada dominante era constituída, aproximadamente, por 160 pessoas. Um exército permanente de 350.000 a 400.000 homens garantia o *status quo*, tornando ineficaz qualquer revolta contra o domínio romano (GJ 2,245ss) e das lideranças locais suas aliadas<sup>10</sup>.

A obra de FJ constitui, indiretamente, a descrição desse quadro sócio-político e dos sentimentos e movimentos que opuseram romanos e judeus, sobretudo, entre os anos 66 e 70. Apesar de conhecer muita bem esta realidade, a posição social de FJ, membro de uma família sacerdotal proprietária de terras, atingida em cheio pela ação dos rebeldes, o levará a escamotear as verdadeiras causas da revolta judaica<sup>11</sup>.

Não obstante, a interpretação dos motivos que causaram a guerra judaica contra os romanos tem causado polêmicas entre os estudiosos. A interpretação teológica, sempre partindo das informações de FJ, como a de Helgo Lindner<sup>12</sup>, considera a guerra judaica como um castigo de Deus pelos pecados dos judeus. FJ chega a considerar a guerra dos judeus uma luta não apenas contra os romanos mas também contra Deus (GJ 5,378-390); ele lembra aos judeus que seus antepassados foram protegidos de seus inimigos inúmeras vezes sem ter que pegar em armas. A invasão dos romanos deve-se, no entanto, segundo FJ, aos pecados do povo judeu (GJ 5,394-395).

Outros estudiosos, como Heinz Kreissig<sup>13</sup>, sugerem abandonar a interpretação religiosa centrando a atenção particularmente nas questões sociais e econômicas que desencadearam o conflito. O estado de penúria envolvendo os revoltosos não se coaduna com a apresentação quase paradisíaca que FJ faz de inúmeras áreas da Palestina, considerando-as muito produtivas. Estrabão (XVI, 2.36) delineia um quadro bem menos favorável que este sobre a topografia palestina. Segundo ele, quase todo o território era seco e coberto de pedras. Os proprietários das melhores terras eram os descendentes da casa real. A improdutividade da terra da maioria alevava a endividar-se. Nesse momento, multiplicam-se as práticas de empréstimos a juros. Os pequenos agricultores eram os mais atingidos pela improdutividade e pelas cobranças de taxas seja por parte do Templo de Jerusalém seja por parte dos romanos<sup>14</sup>.

São estas as circunstâncias que envolvem o surgimento dos movimentos sociais na Palestina e em outras regiões do Império. Assim, a guerra judaica deve ser considerada apenas uma das tantas eclosões sociais que irromperam entre os anos 6 e 70 no Império. No entanto, FJ não conecta o que está acontecendo na Palestina com a realidade do resto do Império.

Até à morte de Herodes, as revoltas que não tinham sido coordenadas, assumiram uma nova forma, agora chefiada por líderes bem definidos. Se tais líderes encontram uma fácil adesão das massas é devido à situação precária em que viviam<sup>15</sup>.

O que os revoltosos querem é a eliminação da velha estrutura de Estado encabeçada pelo Sinédrio composto pelos sumos sacerdotes e grandes proprietários, juntamente com o nepotismo e enriquecimento à custa do povo, agora fortalecida pela aliança com os romanos.

FJ insiste em defender que a ordem social é dada por Deus, por sua ação, e que ele não se sente nem um pouco traidor do povo judeu ao bandear para os romanos que se tornaram a garantia da ordem na Palestina.

Assim, o quadro que FJ tece dos inimigos é o quadro que a classe dominante tece no século I da nossa era. FJ insiste em dar uma outra conotação aos fatos.

## **Conclusão**

Não obstante a falta de imparcialidade e um posicionamento filo-românico detectados na obra de FJ, suas informações obtidas por meio de seu testemunho pessoal ou do apoio de fontes diretas ou indiretas permitem enriquecer o conhecimento sobre a vida quotidiana na Palestina, mesmo que elas não tenham sido priorizadas no relato.

As condições a que são submetidas as amplas camadas de empobrecidos na Palestina sob o domínio romano devem ser entendidas como as principais razões que provocaram e alimentaram o conflito.

Se as diversas e acaloradas tentativas de FJ para demover os revoltosos de seu intento não lograram nenhum efeito é devido à gravidade dos motivos arrolados. Podemos dizer, portanto, que FJ demonstra que pode ter apenas um controle literário sobre os conflitos, obtendo direta ou indiretamente muitas informações sobre ele, mas seus artifícios retóricos, a serviço do poder romano e da elite local, não conseguiram evitar o conflito que desmantelaria a estrutura da sociedade judaica da Palestina do primeiro século, ampliando as dimensões da diáspora.

---

<sup>1</sup> Escreve também *Antiguidades Judaicas, Autobiografia e Contra Apion*.

<sup>2</sup> BUTTRICK, G. A. *The Interpreters Dictionary of the Bible*, Nashville: Abingdon Press, 1962, v. 2, p.987. SCHÜRER, Emil. *The history of the Jewish people in the age of Jesus Christ (175 b.C.-A.D. 100)*. Edinburgh: T & T Clark, 1979, v. 1, p.58).

<sup>3</sup> VIDAL-NAQUET, P. Flavius Josèphe et Masada. *Revue Historique*, ano 1, v. 260, 1978, p.12.

<sup>4</sup> SHANKS, Hershel. Masada. *Biblical Archaeology Review*, jan-fev 1997, p.62-63.

<sup>5</sup> COHEN, Shaye J.D. Masada: literary tradition, archeological remains and the credibility of Josephus. *Journal of Jewish Studies* 33(1982)p. 386-389).

<sup>6</sup> JOSEPHUS. *The Jewish War*. Trad. e com. H.St.J. Thackeray. Cambridge: Harvard University Press, 1968, v. 1,p.VII.

<sup>7</sup> SIMON, Marcel, BENOIT, André. *Judaísmo e cristianismo antigo*. De Antíoco Epifânio a Constantino. Trad. Sonia Maria S. Lacerda. São Paulo: Livraria Pioneira Editora/EDUSP, 1987, p. 53.

<sup>8</sup> LEIPOLDT, J., GRUNDMANN, W. *El mundo del Nuevo Testamento*. Trad. do al. Luiz Gil. Madri: Ediciones Cristiandad, 1973, p.174.

<sup>9</sup> ALFÖLDY, Géza. *A história social de Roma*. Trad. Maria do Carmo Cary. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 149.

<sup>10</sup> Idem, p.161-168.

<sup>11</sup> Kreissig, Heiz. A marxist view of Josephus account of the Jewish war. In: Feldman, L.H. Hata, G. (ed.). *Josephus, the Bible and History*. Detroit: Wayne State University Press, 1989, p. 274.

<sup>12</sup> LINDNER, Helgo. *Die Geschichtsauffassung des Flavius Josephus im Bellum Judaicum*. Leiden: s.n., 1972.

<sup>13</sup> Idem, p. 265-277.

<sup>14</sup> Idem, p. 267-268.

<sup>15</sup> Idem, p. 270-271.